

Os gastos com infraestrutura no Brasil devem crescer 6% ao ano em média ao longo da próxima década, atingindo pouco mais de US\$ 300 bilhões por ano em 2025 – um crescimento mais modesto do que o das outras principais economias emergentes, graças a taxas de juros mais altas, finanças públicas restritas e um crescimento econômico mais lento que o da Ásia, em especial.

Gastos em infraestrutura e grandes projetos

Tendências para 2025



Pesquisa da Oxford Economics

Sumário

América Latina

7



10

Brasil

Transporte

23



20

Infraestrutura social



Extração
13



17
*Indústria de
transformação*



27
*Serviços
públicos*

Apresentação

O setor de infraestrutura e grandes projetos volta a ganhar ritmo. A sombra da crise financeira global vai se apagando e luzes vão clareando o caminho. Os investimentos vêm sendo retomados, e a perspectiva é que cresçam significativamente ao longo da próxima década.

É o que nos mostra o relatório *Gastos em infraestrutura e grandes projetos – Tendências para 2025*, um estudo que envolve 49 países responsáveis por 90% da produção econômica mundial. Entre esses países está o Brasil, onde estima-se que os gastos em infraestrutura aumentem, em média, 6% ao ano ao longo da próxima década, chegando a pouco mais de US\$ 300 bilhões ao ano até 2025.

Puxando essa expansão, teremos a indústria extrativa, impulsionada pela forte demanda por *commodities* e pelo desenvolvimento dos campos do pré-sal, e o setor de transporte. Os investimentos em rodovias no país mais que dobrarão, passando de pouco menos de US\$ 15 bilhões, em 2010, para US\$ 38 bilhões, em 2025.

Além de traçar as perspectivas para o Brasil, o relatório dá um panorama da América Latina, onde os gastos em infraestrutura deverão aumentar progressivamente ao longo da próxima década. O estudo analisa também os investimentos globais nas áreas de extração, indústria de transformação, infraestrutura social, transporte e serviços públicos. O que se verifica é que a recuperação, embora em marcha, deve variar de acordo com a região e suas especificidades.

Mudanças demográficas, por exemplo, terão um papel chave nas escolhas dos gastos em infraestrutura social. Em locais onde a população jovem é predominante, como a África Subsaariana e o Oriente Médio, veremos gastos mais direcionados para a construção de escolas. Já em regiões em que o percentual de idosos é maior, como Europa Ocidental e Japão, a tendência é que os investimentos se concentrem na área da saúde.

Com esta publicação, desenvolvida com o apoio da Oxford Economics, esperamos ajudar empresas públicas e privadas e os investidores a terem uma visão mais clara das oportunidades e dos riscos que se apresentam na América Latina e no Brasil, para assim traçar estratégias de investimento que garantam o melhor retorno.

Fernando Alves
Sócio-presidente
PwC Brasil

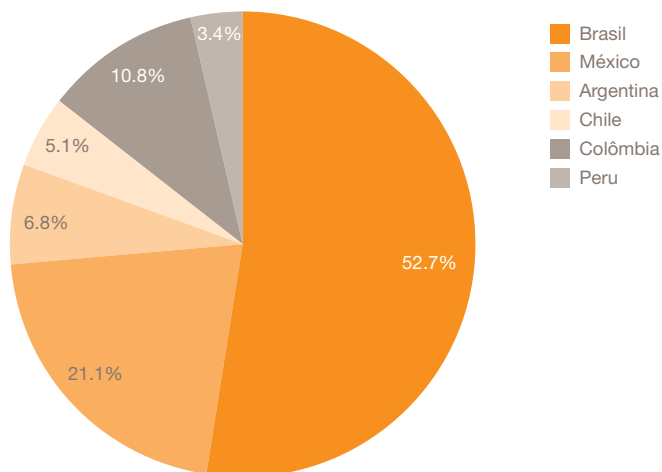
Carlos Biedermann
Sócio e líder de Infraestrutura e
Grandes Projetos
PwC Brasil

América Latina



Figura 1: O Brasil dominou a região em 2012...

Percentual do gasto regional, 2012



Fonte: Oxford Economics

Os gastos com infraestrutura na América Latina devem aumentar progressivamente ao longo da próxima década, chegando a cerca de US\$ 557 bilhões anuais em 2025. Embora a participação da região no gasto global provavelmente diminua, o Brasil, ao lado do Chile e da Colômbia, deve aumentar a sua cota no total de despesas regionais (ver Figuras 1 e 2). Os outros países incluídos nesta análise são Argentina, Peru e México. Ao todo, as seis nações são responsáveis por quase 90% do PIB da região.

Este relatório da PwC, com pesquisas da Oxford Economics, faz parte de um pacote de materiais que fornecem os primeiros dados consistentes de análise de gastos previstos em infraestrutura e grandes projetos em todo o mundo. Para os investidores, funcionários públicos e empresas que planejam investimentos de capital, a publicação destaca os setores e países que deverão se beneficiar desse aumento dos investimentos. Fornece também uma visão sobre os fatores que impulsionam esse crescimento esperado.

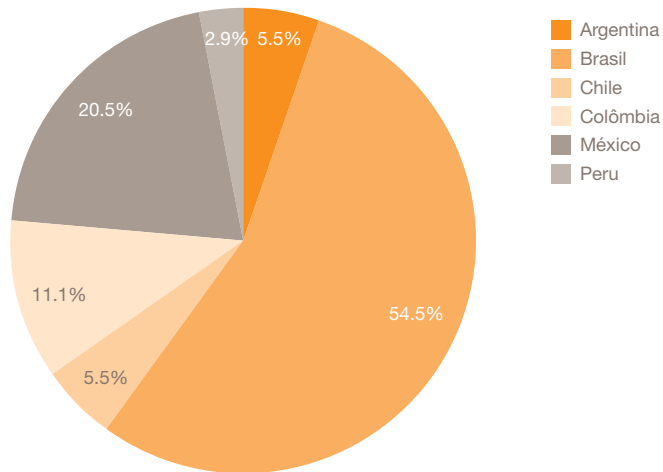
O desenvolvimento da infraestrutura deve variar entre os países latino-americanos, que tendem a gastar proporcionalmente menos do que o padrão global. Em 2012, só o Brasil gastou mais do que 6,3% do PIB em infraestrutura — a porcentagem média da nossa análise.

Transporte e extração estão entre os principais setores para elevação dos gastos na região. O aumento da prosperidade deve impulsionar a aquisição de carros na América Latina, o que provavelmente levará a uma taxa média de crescimento de gastos com rodovias de mais de 7% ao ano. Além disso, a prosperidade provavelmente significará mais gastos com aeroportos e portos marítimos, com taxas de crescimento anual de 6% e 5%, respectivamente (ver Figura 3).

Somente no Brasil espera-se que os gastos com transportes alcancem cerca de US\$ 60 bilhões anuais em 2025, com o foco principalmente em estradas, mas também em ferrovias e portos.

Figura 2: ... e provavelmente continuará a dominar em 2025

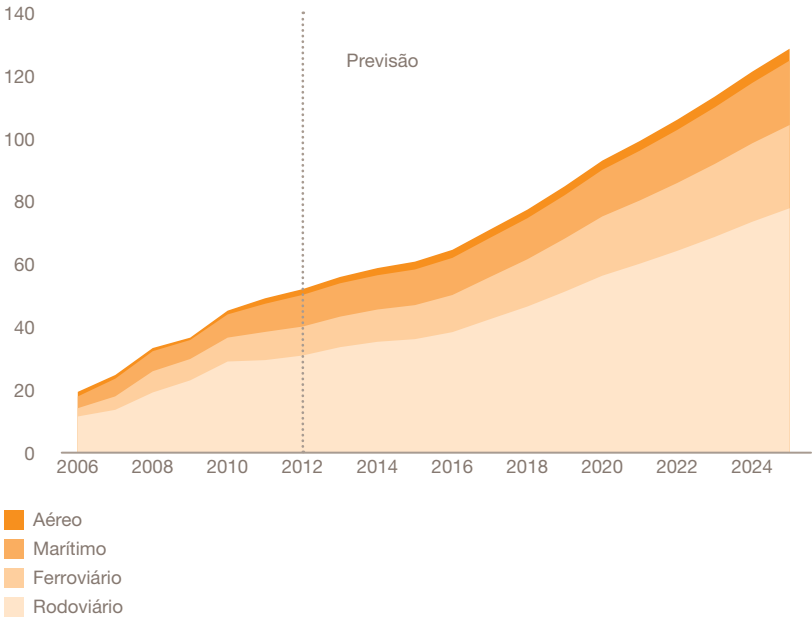
Percentual do gasto regional total, 2025



Fonte: Oxford Economics

Figura 3: A aquisição de automóveis alimenta o rápido crescimento dos gastos com rodovias

US\$ bi, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

No geral, os gastos no setor de extração na América Latina devem ultrapassar os US\$ 140 bilhões em 2025. O Brasil provavelmente deve aumentar em 30% seu volume de produção com a entrada em operação dos campos do pré-sal. Como o custo de extração desse petróleo em camadas muito profundas do fundo do mar é bastante alto, prevemos um gasto de mais de US\$ 400 bilhões em capital fixo no setor de petróleo e gás entre 2013 e 2025.

Espera-se também que Colômbia e Chile registrem um crescimento médio anual de aproximadamente 10% nos gastos com extração de petróleo e gás natural entre hoje e 2025. O plano do México de promover mudanças constitucionais relacionadas à indústria de energia também pode representar oportunidades importantes para empresas estrangeiras que buscam expandir-se em países latino-americanos ricos em petróleo e impulsionar os investimentos no país.

Os gastos em infraestrutura social devem aumentar progressivamente na próxima década na América Latina, mas seu caráter provavelmente vai mudar. A previsão é de que o envelhecimento populacional em toda a região leve a uma participação crescente dos gastos com infraestrutura de assistência à saúde em relação ao total – de 58%, em 2008, para 59,2%, em 2015, para 60,6%, em 2022 (ver Figuras 4 e 5).

Os gastos com serviços públicos também devem crescer, mas a uma taxa relativamente menor. A previsão é de que as despesas com geração de energia aumentem cerca de 3,4% ao ano, enquanto as destinadas à rede de distribuição devem crescer um pouco mais rapidamente, entre 4% e 4,5% ao ano.

Figura 4: O envelhecimento populacional...

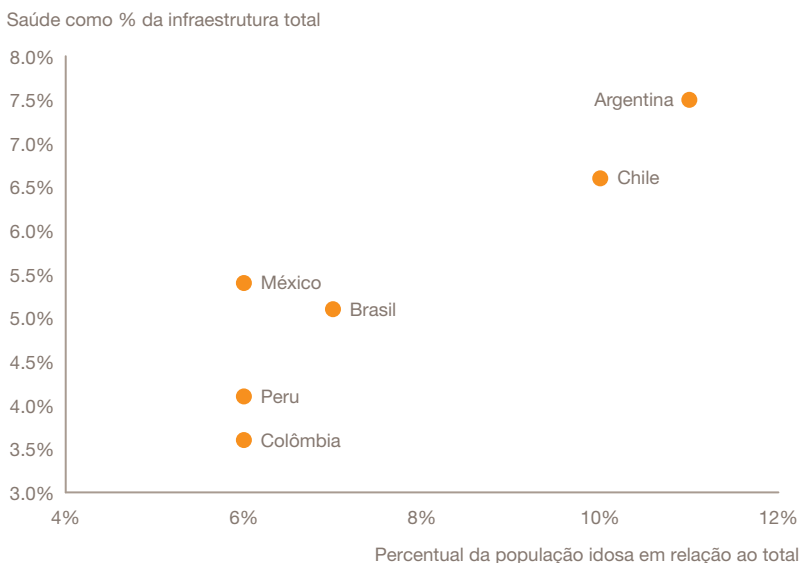
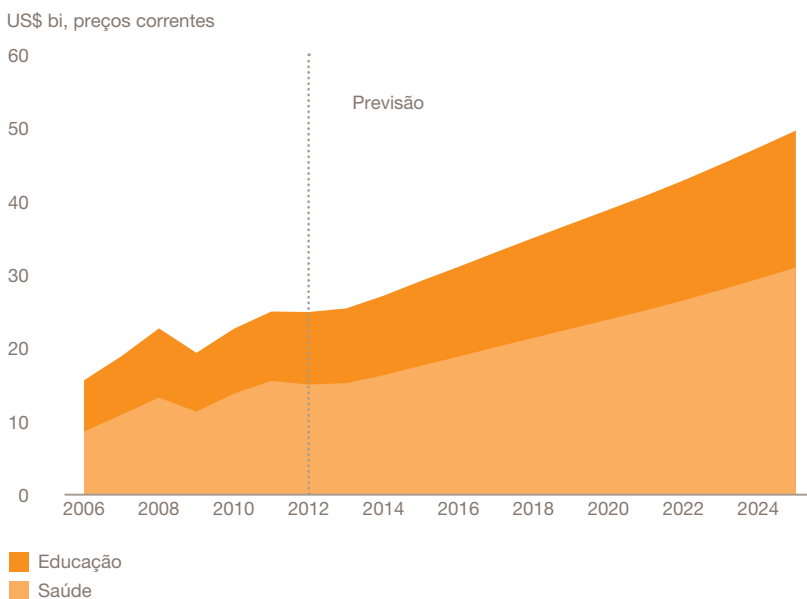


Figura 5: ... leva ao aumento dos gastos com infraestrutura de saúde





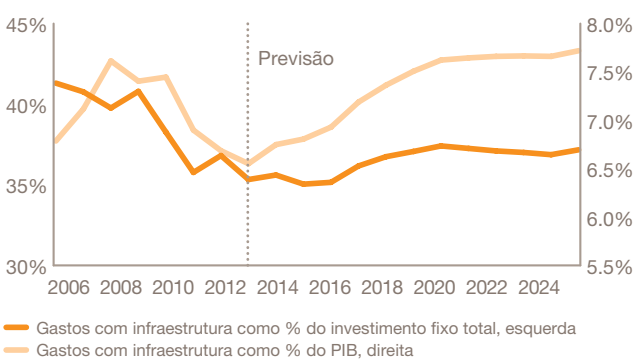
Brasil

Os gastos com infraestrutura no Brasil devem crescer 6% ao ano em média ao longo da próxima década, atingindo pouco mais de US\$ 300 bilhões por ano em 2025 – um crescimento mais modesto do que o das outras principais economias emergentes, graças a taxas de juros mais altas, finanças públicas restritas e um crescimento econômico mais lento que o da Ásia, em especial.¹ No entanto, esses gastos devem retomar os 7,5% do PIB, o mesmo percentual do auge pré-crise. À medida que a economia brasileira amadurece, o investimento em ativos não relacionados à infraestrutura, como propriedades residenciais/comerciais, ganhará importância. Dessa forma, a participação da infraestrutura no investimento fixo total deve se estabilizar em um patamar menor do que as médias históricas.

Impulsionado pela força da demanda global por *commodities* a longo prazo, bem como por oportunidades em novos campos de petróleo *offshore*, as indústrias extrativas deverão responder por uma parte significativa desse crescimento. Esperamos que o setor de petróleo e gás e outras indústrias de extração (combustíveis alternativos, metais e não metais) contribuam para esse crescimento em proporções mais ou menos iguais, passando de US\$ 22 bilhões por ano, em 2006, para mais de US\$ 94 bilhões, em 2025. Esse crescimento nos setores extrativos provavelmente apoiará novos investimentos em indústrias *downstream* que usam matérias-primas, tanto para o mercado interno quanto para exportação. Como tal, a indústria química, o refino de combustível e a produção de metais básicos devem crescer a uma taxa comparável à dos setores extrativos, ou seja, cerca de 7% ao ano.

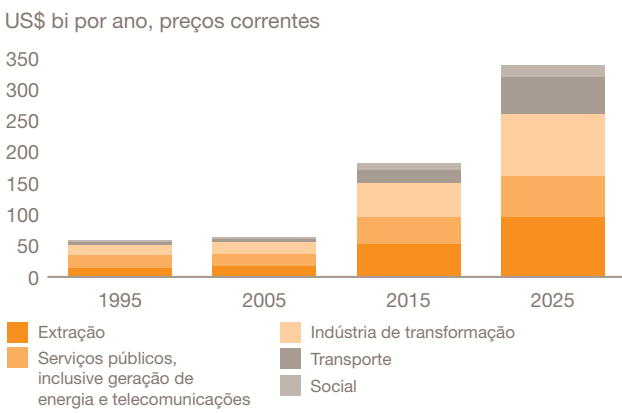
O transporte provavelmente será outro setor chave de infraestrutura para o Brasil, responsável por cerca de US\$ 60 bilhões por ano em 2025. O transporte interno de superfície provavelmente responderá pela maior parte desse montante, sendo que os gastos com rodovias devem crescer de pouco menos de US\$ 15 bilhões, em 2010, para US\$ 38 bilhões, em 2025. O investimento em ferrovias deve atingir US\$ 17 bilhões em 2025, enquanto o investimento em portos deve se aproximar de US\$ 4,4 bilhões, novamente impulsionado em grande parte pela exploração de *commodities*. As infraestruturas social e de serviços públicos provavelmente se expandirão em ritmo mais lento ao longo da próxima década, mas devem crescer entre 3% e 5% na média. Na infraestrutura social, com o envelhecimento acentuado da população brasileira, esperamos que a assistência à saúde domine cada vez mais o investimento.

Figura 1: Gastos com infraestrutura em um contexto nacional



Fonte: Oxford Economics

Figura 2: Gastos com infraestrutura por setor ampliado

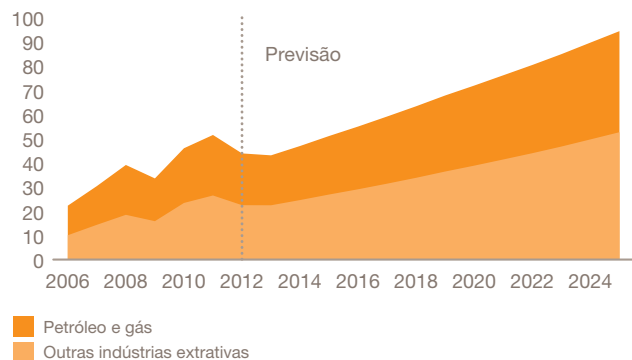


Fonte: Oxford Economics

¹ O Brasil vive um momento de revisão de expectativas. Projeções baseadas em um desempenho econômico positivo mais acentuado dão lugar a perspectivas de um desempenho mais modesto para 2015. Mantemos o otimismo em relação à economia brasileira para o longo prazo, mas aconselhamos ligeira precaução na análise da contribuição dos investimentos realizados no curto prazo.

Figura 3: Investimento em infraestrutura de extração

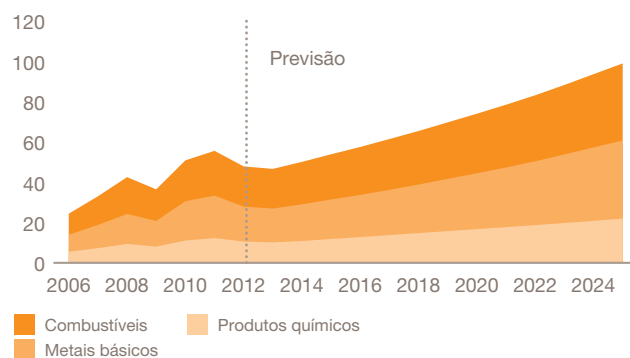
US\$ bi por ano, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

Figura 4: Investimento em infraestrutura na indústria de transformação

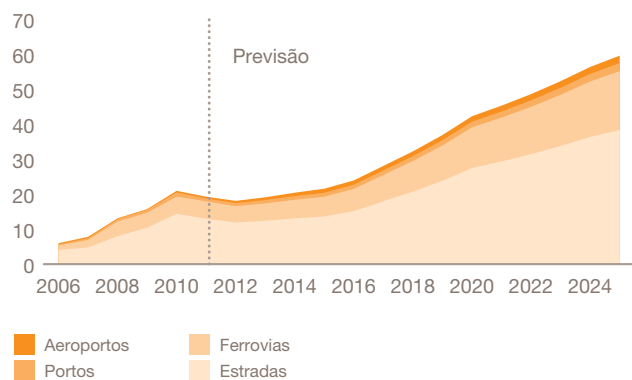
US\$ bi por ano, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

Figura 5: Investimento em infraestrutura de transporte

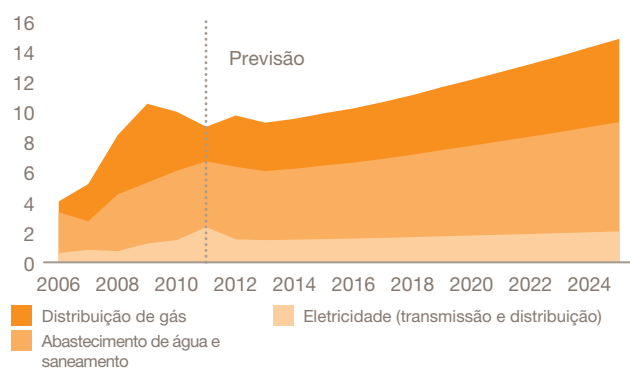
US\$ bi por ano, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

Figura 6: Outros investimentos em infraestrutura de serviços públicos

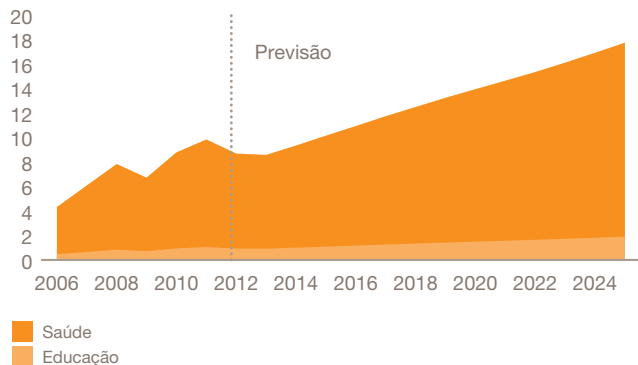
US\$ bi por ano, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

Figura 7: Investimento em infraestrutura social

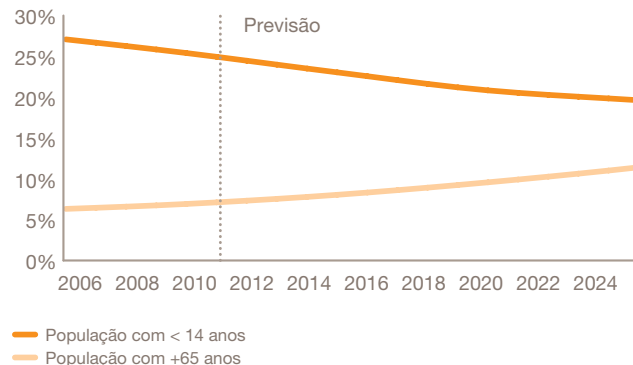
US\$ bi por ano, preços correntes



Fonte: Oxford Economics

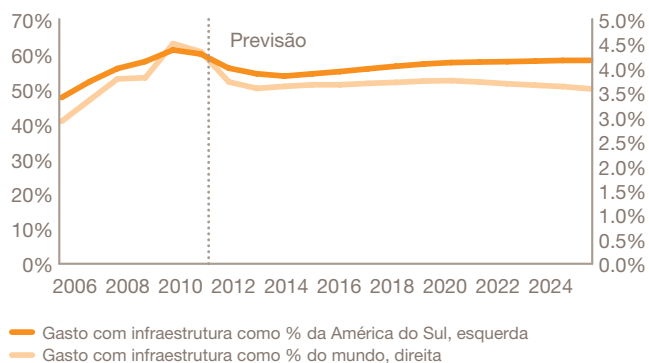
Figura 8: Mudança demográfica

Proporção da população



Fonte: Oxford Economics

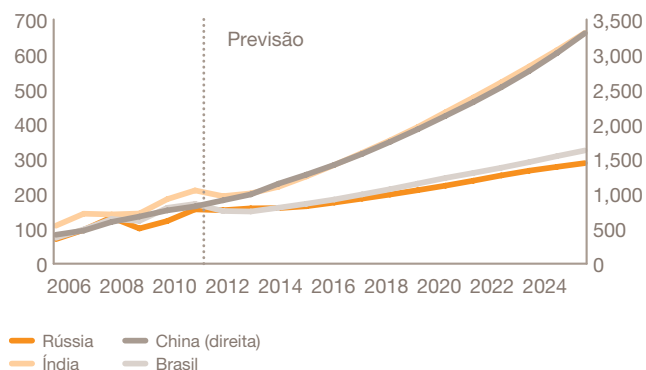
Figura 9: Infraestrutura no contexto global



Fonte: Oxford Economics

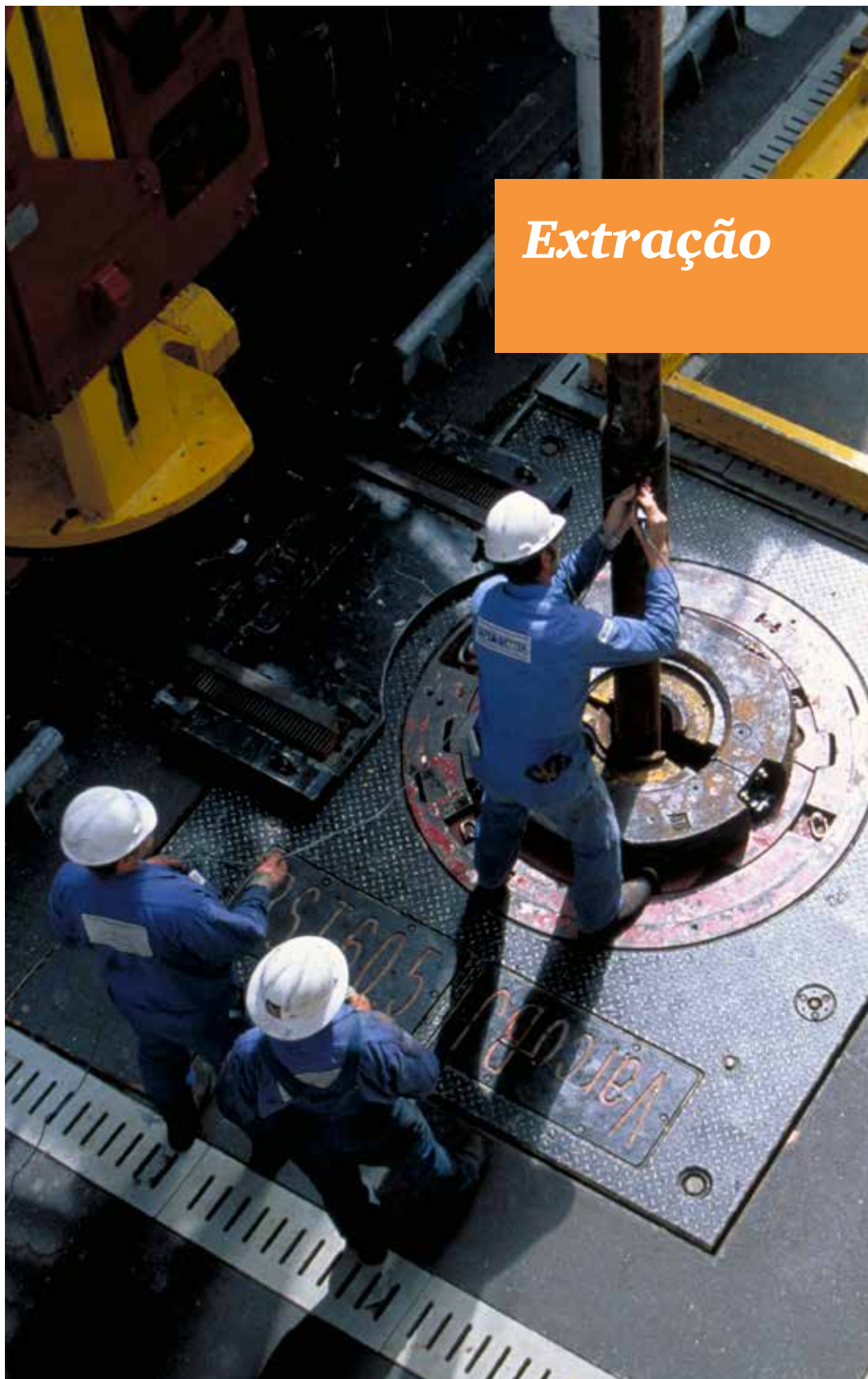
Figura 10: Brasil x outros BRICs

Gasto total com infraestrutura por ano, US\$ bi



Fonte: Oxford Economics

Extração



Alguns mercados emergentes e maduros devem elevar os gastos com extração



Extração

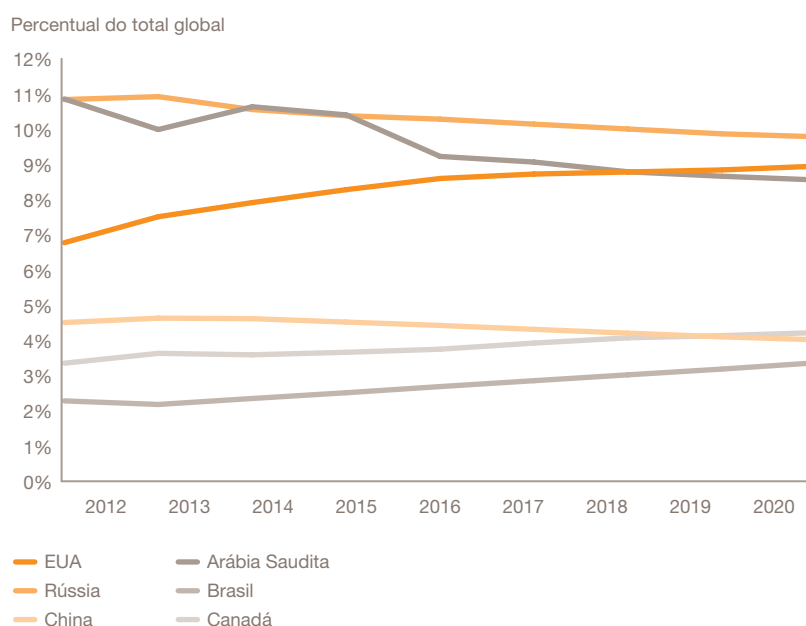
- Petróleo e gás
- Outras indústrias extrativas (carvão, metais, minerais)

O setor de extração aumentou sua participação no mercado global de infraestrutura para 17% em 2013, acima dos 14% de 2006. Grande parte do crescimento ocorreu em extração não relacionada a petróleo e gás, como carvão, metais e minerais. Entre hoje e 2025, a análise da PwC revela que todo o setor de extração – impulsionado tanto pela indústria de petróleo e gás como pelas outras indústrias – provavelmente crescerá a uma taxa anual de 5%.

Mercados em crescimento para as indústrias de petróleo e gás

Os gastos com infraestrutura e com a atividade de extração de petróleo e gás devem variar entre países e regiões. Estimulados pela descoberta de novas reservas nos EUA, no Canadá e no Brasil, esses países provavelmente aumentarão sua participação no volume global de petróleo produzido na próxima década. Ao mesmo tempo, líderes históricos na produção de petróleo, como a Arábia Saudita e a Rússia, continuarão a ser importantes áreas para investimento, mas suas participações na produção global e, consequentemente, o investimento em extração devem cair ligeiramente (ver Figura 1).

Figura 1: Novas reservas nos EUA, no Canadá e no Brasil aumentarão a participação desses países na produção global de petróleo



Fonte: Oxford Economics

Nos EUA e no Canadá, avanços tecnológicos permitiram explorar formações geológicas escassas, como gás e óleo de xisto. Como resultado, a produção de óleo bruto dos EUA entre 2011 e 2012 registrou o maior aumento de volume anual desde o início da exploração comercial do produto no país, em 1859.

Espera-se que os Estados Unidos continuem a explorar as reservas de óleo e gás de xisto mais agressivamente do que a maioria das outras regiões do mundo, o que aumentará a sua participação na extração mundial desses recursos de 15,5%, em 2011, para pouco mais de 17%, em 2017. Esse aumento de produção exigirá investimentos de capital da ordem de US\$ 150 bilhões ao ano, no curto prazo. Eles devem aumentar para US\$ 200 bilhões em 2025.

Conectar novas regiões de produção nos EUA com a infraestrutura existente, as principais refinarias e os mercados de consumo deve continuar a impulsionar importantes investimentos em oleodutos no longo prazo. Também é provável que os gastos com logística ferroviária e marítima aumentem, especialmente no curto prazo, para compensar lacunas de infraestrutura de oleodutos.

Além disso, a crescente produção doméstica de gás natural nos EUA, impulsionada pelo aumento da produção de gás de xisto, transformou o mercado de GNL (gás natural líquido) no país e deve incentivar mais investimentos em terminais de exportação de GNL.

Na América Latina, a previsão é de que os gastos no setor de extração ultrapassem US\$ 140 bilhões em 2025. De fato, a 17ª *Pesquisa Anual Global com CEOs* da PwC sugere que 23% dos líderes executivos da indústria de energia estão planejando transações, fusões e aquisições, *joint-ventures* ou alianças estratégicas na América Latina, o que indica um nível crescente de interesse e, consequentemente, de gastos na região.²

O Brasil, por exemplo, deverá aumentar em cerca de 30% a sua extração quando os campos do pré-sal entrarem em operação. Como os custos de recuperação desse óleo em grandes profundidades no leito do mar são muito altos, mais de US\$ 400 bilhões em capital fixo provavelmente serão gastos no setor de petróleo e gás entre 2013 e 2025.

Também espera-se que Colômbia e Chile registrem cerca de 10% de crescimento anual médio nos gastos com a extração de petróleo e gás natural entre hoje e 2025. Embora a recessão global tenha prejudicado o importante setor de extração do México, especialmente no segmento de petróleo e gás, ele se recuperou desde então e deverá crescer de 4% a 6% ao ano ao longo da próxima década. O plano do México de promover mudanças constitucionais no setor energético deve fornecer oportunidades importantes para empresas estrangeiras que querem crescer em países latino-americanos ricos em petróleo e pode se tornar um fator de impulso para o aumento dos investimentos no país.

A Europa Ocidental deve registrar pouco crescimento nos gastos com extração ao longo da próxima década, com quedas previstas para países como Reino Unido, França e Alemanha. Na Holanda, porém, os gastos com extração de gás natural devem aumentar com a recuperação da economia da zona do euro.

Na antiga União Soviética, espera-se que a atividade do setor de extração permaneça bastante forte. O gasto anual na Rússia e no Cazaquistão está previsto para alcançar US\$ 90 bilhões e US\$ 22 bilhões, respectivamente, até 2025.

Obviamente, o setor de extração é especialmente dominante no Oriente Médio e deve responder por 35% dos gastos com infraestrutura na região até 2025, acima dos 32% de 2013. A previsão é de que essas despesas aumentem para US\$ 64 bilhões anuais em 2025 no Qatar, por exemplo, que tem a terceira maior reserva de gás do mundo.

A Arábia Saudita, que é o segundo maior produtor mundial de petróleo e abriga a maior reserva de petróleo do mundo, também tem o quarto maior depósito de gás, e o governo pretende fazer investimentos substanciais na extração desse insumo. De modo geral, a Arábia Saudita deve ampliar seus gastos na extração de petróleo e gás a uma taxa média anual de aproximadamente 8% na próxima década, alcançando um total de US\$ 56 bilhões por ano em 2025.

Mercados em crescimento para as indústrias não relacionadas a petróleo e gás

Na Índia, novas iniciativas, como leilões de carvão, parcerias público-privadas de mineração de carvão e propostas de reforma regulatória, devem atrair mais investimento privado para explorar melhor as reservas de 300 bilhões de toneladas do país e limitar as importações de carvão.

A Indonésia deve experimentar um crescimento significativo de gastos com a extração de metais e carvão. A previsão é de que os gastos com a extração de produtos não relacionados ao petróleo alcance US\$ 14 bilhões até 2025. Embora a produção de óleo tenha caído cerca de 40% desde 2000, a Indonésia tornou-se a segunda maior produtora mundial de estanho e níquel, a quinta maior mineradora de carvão e a sétima maior produtora de cobre.

² PwC, 17ª Pesquisa Anual Global com CEOs: Fit for the Future, janeiro/2014.

A maioria dos gastos com extração na África Subsaariana está relacionada a minerais, com um crescimento médio anual esperado de 8% ao longo da próxima década. A maior parte desses gastos provavelmente estará na África do Sul e na Tanzânia.

Os gastos com extração serão insignificantes na maior parte da Europa Central e Oriental, inclusive na República Tcheca, na Hungria e na Romênia. Mas, na Polônia, que tem a 10ª reserva de carvão do mundo, os gastos devem aumentar mais de 9% ao ano ao longo da próxima década, alcançando US\$ 4,5 bilhões em 2025.

Mercados em crescimento para as indústrias de petróleo e gás e as não relacionadas a petróleo e gás

Os gastos do setor de extração de petróleo e gás e os não relacionados a petróleo e gás provavelmente continuarão a crescer na região Ásia-Pacífico, especialmente na China e na Austrália. A demanda chinesa deve estimular o investimento atual nos setores de extração de ambos os países, dividido quase igualmente em extração de petróleo e gás e outros produtos na Austrália e principalmente em atividades não relacionadas a petróleo e gás na China. Na 17ª Pesquisa Anual Global com CEOs da PwC, 24% dos CEOs do setor de energia classificaram a China como seu principal mercado para crescimento, o que significa uma provável aceleração no investimento de capital.³

Ao mesmo tempo, os gastos anuais do Canadá com a extração de petróleo e gás devem alcançar cerca de US\$ 75 bilhões em 2025 (com a cota de produção global de petróleo e gás caindo de 7,5% para 7%), enquanto o investimento em extração não relacionada a petróleo e gás deve crescer para cerca de US\$ 30 bilhões em 2025.

Como conclusão, o crescimento previsto da produção de petróleo e gás em alguns países desenvolvidos (especialmente nos EUA e no Canadá) e o aumento na produção e no consumo de petróleo e gás e de *commodities* não relacionadas a petróleo e gás nos mercados emergentes (por exemplo, nos BRICs e em partes da África) sugerem que os gastos com infraestrutura no setor de extração aumentarão em muitas regiões do mundo. Essas tendências devem impulsionar as empresas a globalizar ainda mais seus portfólios com a busca de oportunidades longe de seus mercados domésticos, o que aumentará o risco e a complexidade dos projetos. Como resultado, a seletividade dos projetos, a gestão do portfólio e a mitigação de riscos se tornarão cada vez mais críticas.

³ Ibid.

A large offshore oil rig is under construction in the ocean. The rig's central derrick is the focal point, with the name 'ROWAN GORILLA IV' and the number '14' visible on its upper section. Several yellow cranes are positioned around the rig, some with their booms extended. The rig is supported by a complex steel jacket structure. The sky is blue with some clouds, and the water is calm.

Indústria de transformação

Gastos com a indústria de transformação nos mercados emergentes devem ultrapassar os do Ocidente



Indústria de transformação

- Refino de petróleo
- Produtos químicos (carvão, metais, minerais)
- Metais pesados

O setor de transformação – refino de petróleo, produtos químicos e metais (como aço e alumínio) – é essencial para apoiar um desenvolvimento econômico mais amplo e deve crescer a uma taxa anual de 8% no mundo entre hoje e 2025. Até lá, espera-se que a indústria de transformação responda por 21,3% do gasto global com infraestrutura, contra 18,8% em 2012.

Em especial, a crescente prosperidade dos mercados emergentes deve impulsionar o financiamento de infraestrutura para setores voltados ao consumidor, inclusive desenvolvendo a infraestrutura necessária para os processos de fabricação que fornecem matérias-primas para bens de consumo. Por exemplo, à medida que a riqueza econômica aumentar, mais pessoas poderão ter carros, criando uma demanda maior por refino de combustíveis, produtos químicos e metais, como aço e alumínio – todos elementos essenciais à indústria automotiva.

Na Europa Ocidental, no entanto, os investimentos de capital na indústria pesada devem crescer muito lentamente enquanto os mercados emergentes continuarem a oferecer vantagens em termos de custo. A fatia da produção nos setores de metais, produtos químicos e refino de combustível em relação à produção econômica europeia total caiu gradualmente por mais de uma década, mas o colapso da economia mundial em 2009 atingiu o setor de forma especialmente dura (ver Figura 1).

A indústria de transformação da França, especialmente, está passando por dificuldades. Ela é menos competitiva e tem custos trabalhistas maiores do que outras economias europeias importantes, o que pode afetar a competitividade dos investimentos na indústria pesada francesa em comparação com a dos países vizinhos. A porção fabril dos gastos em infraestrutura na França deve crescer 29% entre 2013 e 2025, em comparação com 36% na Alemanha.

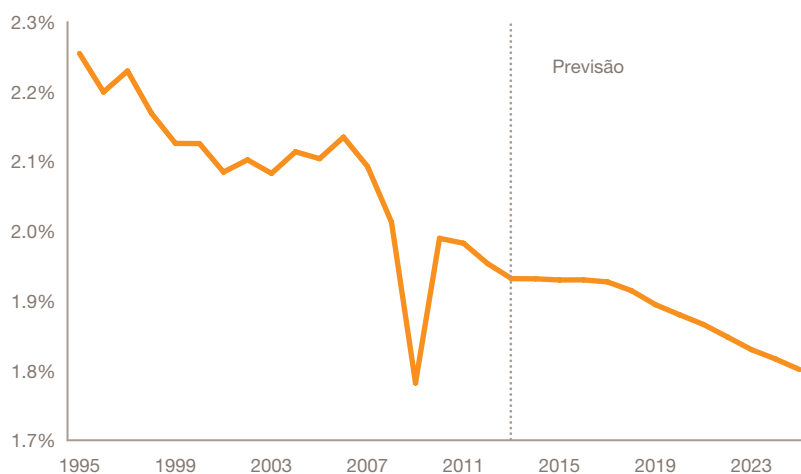
Em contrapartida, o crescimento anual da América do Norte deve alcançar 5,6% ao longo da próxima década. A região provavelmente ficará mais bem posicionada do que a Europa para competir com as economias em desenvolvimento na indústria de transformação por

causa dos preços menores da energia e de matérias-primas de baixo custo obtidas com a exploração das reservas de petróleo e gás de xisto. Além disso, a América do Norte desfruta de vantagens geográficas em relação aos concorrentes de baixo custo, que estão dispersos espacialmente e, portanto, têm custos maiores para transportar suas mercadorias.

Na região da Ásia-Pacífico, os gastos com infraestrutura no setor de metais, produtos químicos e refino de combustíveis devem crescer a uma taxa anual de 9,3% ao longo da próxima década (ver Figura 2). A previsão é que China, Índia, Indonésia, Malásia, Vietnã e Filipinas cresçam a uma velocidade maior.

Figura 1: Indústria de transformação em declínio na Europa Ocidental

Percentual do VAB nominal correspondente à fabricação de combustíveis, químicos e metais



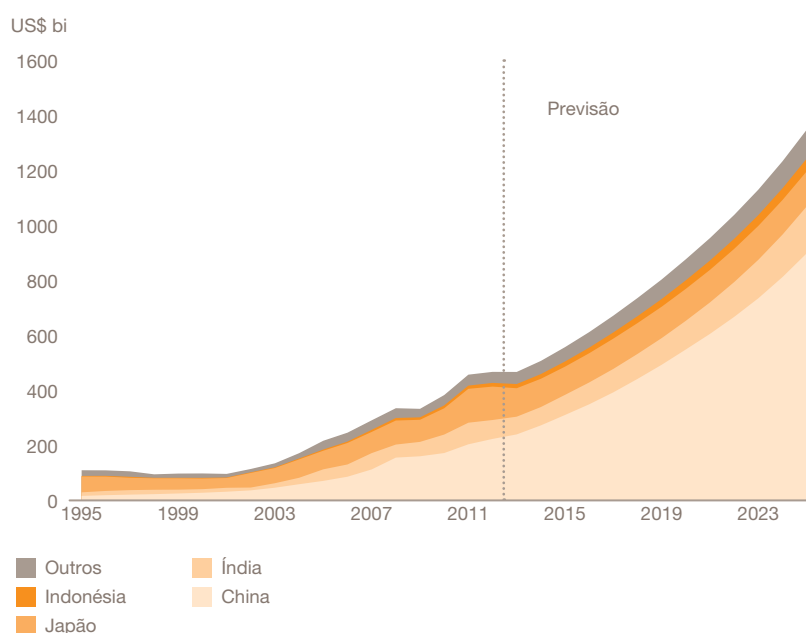
Fonte: Oxford Economics

Por exemplo, como resultado do aumento dos investimentos e da produção no setor de mineração, os segmentos de metais e produtos químicos devem continuar a se expandir na Indonésia. Os gastos com o setor de manufatura pesada na região devem mais do que triplicar. A previsão é de que saltem de US\$ 13 bilhões, em 2012, para mais de US\$ 46 bilhões em 2025.

Embora a taxa de crescimento do Japão provavelmente diminua, o país manterá uma porção significativa do investimento em infraestrutura da região nas indústrias pesadas. Em contraste com outras economias avançadas, as empresas de manufatura pesada do Japão preservaram sua posição como líderes mundiais. Na verdade, o Japão é o segundo maior produtor mundial de aço, depois da China. A proximidade de mercados emergentes dinâmicos e a inovação técnica devem ajudar o Japão a sustentar uma posição forte. A previsão é de que o investimento em infraestrutura nos setores de manufatura cresça de aproximadamente US\$ 100 bilhões hoje para US\$ 127 bilhões em 2025.

No Oriente Médio, o setor químico deve crescer a uma taxa média anual de 6% entre hoje e 2025; o refino de petróleo a uma taxa de 7,9%; e os metais primários, como aço e alumínio, a 6,9%. Para gerar mais empregos com base em seus recursos naturais, algumas economias do Oriente Médio já fizeram investimentos consideráveis em setores *downstream*, em especial combustíveis e processamento químico. A nossa análise indica que cerca de US\$ 20 bilhões foram investidos nesses setores na Arábia Saudita em 2013, e pouco menos de US\$ 3 bilhões em Omã.

Figura 2: Mais investimento em metais, produtos químicos e combustíveis na região Ásia-Pacífico em 2025



Fonte: Oxford Economics

Baseando-se em uma oferta abundante de gás natural como matéria-prima, Omã espera continuar a se expandir no setor químico. O gasto anual nesse segmento está previsto para mais que dobrar de US\$ 2,6 bilhões, em 2012, para US\$ 5,7 bilhões em 2025.

Nos Emirados Árabes Unidos (EAU), o refino de combustíveis foi uma importante área de crescimento na última década, com mais de US\$ 6 bilhões investidos em 2013. Por causa da expansão contínua no setor extrativo, o investimento dos EAU em refino deve aumentar para US\$ 17 bilhões em 2025.

A manufatura pesada é relativamente escassa na maioria das economias africanas, mas como alguns países da África Subsaariana continuam a se desenvolver, espera-se um aumento substancial de gastos. Nas sete principais economias do Subsaara, o gasto anual nos setores químico, de metais e de combustíveis está previsto para crescer para US\$ 16 bilhões em 2025, em comparação com US\$ 6 bilhões em 2012. Aproximadamente metade dos gastos estará provavelmente no setor químico.

A manufatura pesada já desempenha um papel importante na antiga União Soviética e na Europa Central e Oriental – especialmente na Rússia, na Ucrânia, no Cazaquistão e na Polônia. Além disso, o investimento em produtos químicos, metais e refino de combustíveis na região deve aumentar a uma taxa anual de 6,8% na próxima década.

Infraestrutura social



Gastos com infraestrutura social dependerão de mudanças demográficas



Infraestrutura social

- Hospitais
- Escolas

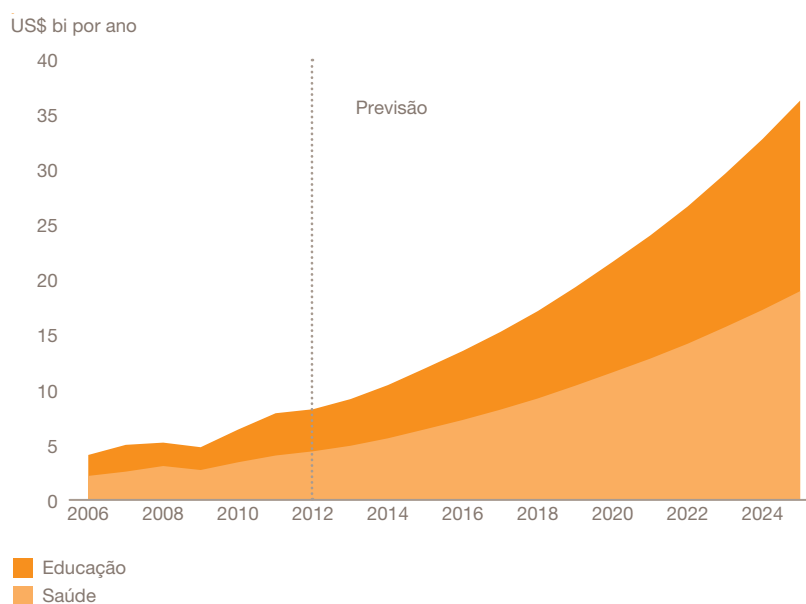
A participação dos gastos com infraestrutura social, como escolas e hospitais, nos gastos globais caiu de 15,9%, em 2006, para 15% em 2013. Isso ocorreu, em grande parte, por causa do crescimento mais lento dos investimentos em educação.

No curto prazo, os gastos com infraestrutura social devem sofrer uma queda abrupta em algumas economias avançadas porque as medidas de austeridade reduzirão as despesas dos governos. No longo prazo, porém, a participação da infraestrutura social no mercado global deverá crescer, à medida que os governos de países emergentes e avançados aumentarem seus gastos.

A demografia desempenhará um papel importante na alocação de gastos de infraestrutura social, pois as populações jovens precisarão de mais escolas, e os países que estão envelhecendo destinarão mais recursos à assistência médica.

A taxa de crescimento anual dos gastos com infraestrutura social deverá ser forte – cerca de 12% – na África Subsaariana, onde a demanda tanto por escolas quanto por instalações de assistência médica será alta (ver Figura 1). Haverá mais crianças precisando de educação na maioria dos países, pois apenas cerca de 3% da população têm mais de 65 anos, e uma mudança mínima é esperada na próxima década. Ao mesmo tempo, a África enfrenta vários desafios na área de saúde, principalmente em relação à Aids, o que exigirá mais hospitais e outras instalações médicas.

Figura 1: O gasto com infraestrutura social na África Subsaariana deve se equilibrar entre educação e saúde



Fonte: Oxford Economics

No Oriente Médio, a previsão é de que os gastos com infraestrutura social cresçam a uma taxa anual de 8,5%, com ênfase em educação. A região tem uma proporção relativamente baixa de idosos e taxas de fecundidade maiores do que economias com níveis semelhantes de riqueza. Como resultado, a educação deverá representar mais de 70% dos gastos com infraestrutura social na próxima década.

Na maioria das outras regiões, a saúde provavelmente atrairá uma fatia maior dos gastos com infraestrutura social de agora em diante. Na América Latina, por exemplo, o envelhecimento populacional fará com que a porção relativa à saúde dos gastos com infraestrutura social aumente de 58%, em 2008, para 59,2%, em 2015, e 60,6% em 2022.

Na região da Ásia-Pacífico, onde os gastos com infraestrutura social devem crescer a uma taxa anual de mais de 10% entre hoje e 2025, a prioridade também estará em estruturas para os idosos em alguns países. O envelhecimento será especialmente acentuado no Japão, na Coreia do Sul e em Cingapura. Em 2025, por exemplo, um em cada cinco sul-coreanos terá 65 anos ou mais, em comparação com um em cada dez atualmente.

Índia, Indonésia e Filipinas devem registrar mudanças demográficas menos acentuadas, mas, mesmo nos países mais jovens, as tendências demográficas provavelmente atrairão mais recursos governamentais para o setor de saúde. Os gastos com educação, porém, continuarão a aumentar rapidamente nesses países. Na Índia, por exemplo, a previsão é de que os gastos com saúde aumentem a uma taxa média anual de 12,3% na próxima década e atinjam cerca de US\$ 37 bilhões por ano até 2025. Os gastos com educação, embora cresçam a um ritmo anual ligeiramente menor, ainda serão US\$ 20 bilhões maiores.

Por fim, a população da Europa já está entre as mais idosas do mundo e continuará a envelhecer ao longo da próxima década. Isso significa que uma fatia crescente dos gastos com infraestrutura social da região – limitados na maioria dos países por programas de austeridade do governo – provavelmente será alocada para o setor de saúde. Atualmente, a saúde já consome 80% dos gastos com infraestrutura social na Itália, e a Alemanha deve tomar o mesmo rumo na próxima década.



Transporte



Os mercados emergentes devem impulsionar os gastos com a infraestrutura de transportes



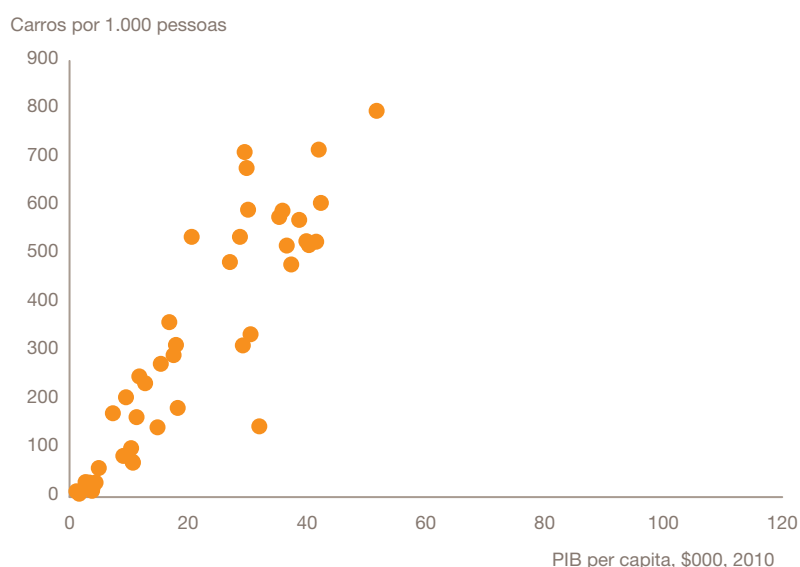
- Transporte
- Ferrovias
 - Rodovias
 - Aeroportos
 - Portos

O transporte, que responde por aproximadamente 22% dos gastos globais com infraestrutura, deve crescer a uma taxa anual de cerca de 6% no mundo ao longo da próxima década.

Como a infraestrutura de transporte está fortemente vinculada às finanças do governo, provavelmente haverá um crescimento mais lento em muitos países desenvolvidos que precisam resolver problemas de dívida pública e déficits orçamentários. As nações ocidentais podem recorrer cada vez mais a parcerias público-privadas para executar grandes projetos de transporte, mas tais acordos não são opções sem custo, pois aumentam as obrigações futuras do governo.

Nos mercados emergentes, onde as finanças governamentais são mais saudáveis e a expansão econômica significa mais gastos do consumidor, espera-se um crescimento substancial em gastos com transportes. Por exemplo, com o aumento da renda *per capita*, cresce a probabilidade de as famílias comprarem carros. Descobrimos que cada US\$ 1 mil de aumento no PIB *per capita* geralmente resulta em mais 15 carros por mil pessoas (ver Figura 1). É razoável esperar que os gastos com infraestrutura rodoviária aumentem de acordo com a aquisição de carros e a renda *per capita* também.

Figura 1: Correlação entre crescimento econômico e aquisição de carros



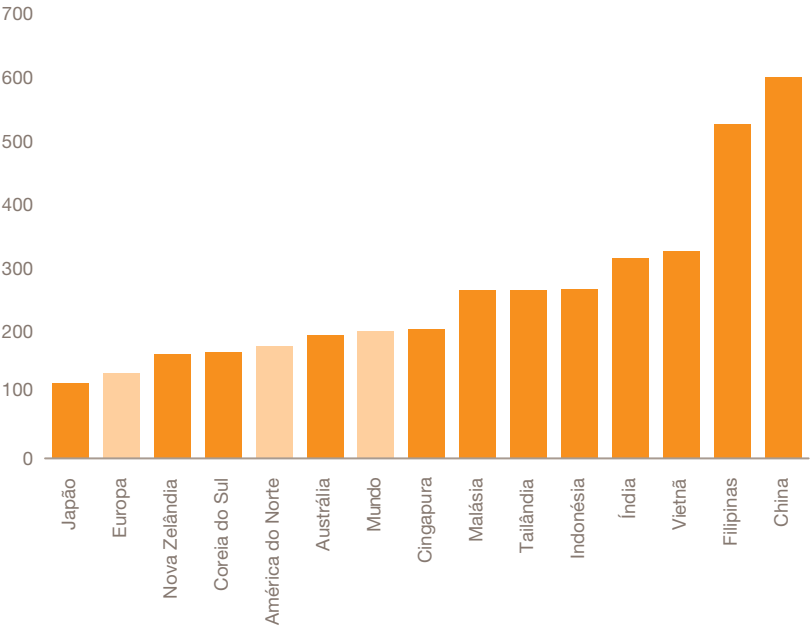
Fonte: Oxford Economics

Os paralelos entre o aumento da aquisição de carros e o investimento em infraestrutura de transportes ficam claros quando analisamos mercados asiáticos emergentes. Como mostram, em conjunto, as Figuras 2 e 3, o aumento na aquisição de carros desde 2010 em países emergentes como a China e as Filipinas foi acompanhado de um crescimento correspondente na infraestrutura rodoviária, e a tendência deve continuar. Em contraste, a demanda por novas rodovias provavelmente será menor nos países avançados da região, especialmente no Japão.

O aumento da prosperidade deve impulsionar a aquisição de carros na América Latina também, levando a uma taxa de crescimento médio anual de aproximadamente 7% nos gastos com rodovias. Apenas no Brasil, os gastos com rodovias devem mais do que dobrar de pouco menos de US\$ 15 bilhões, em 2010, para US\$ 38 bilhões em 2025.

Figura 2: Aumento de venda de carros entre os consumidores emergentes da Ásia, 2025 x 2010

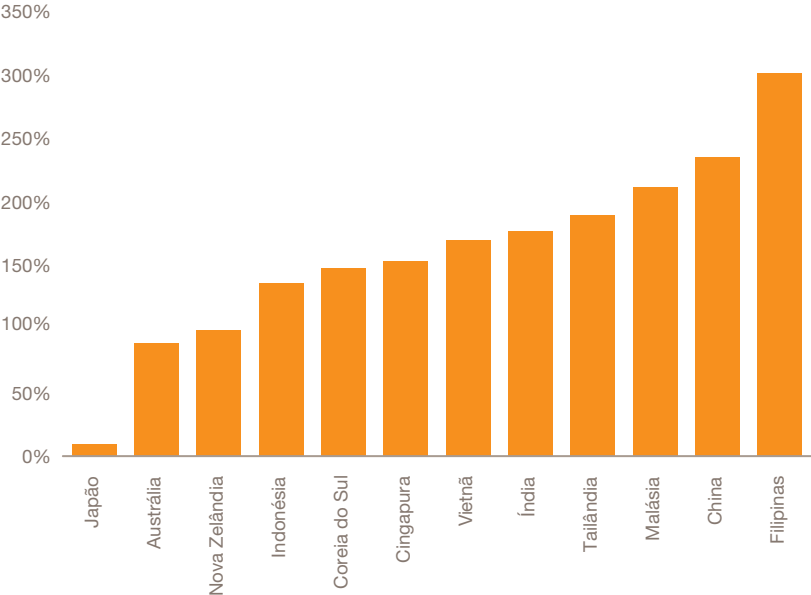
Gastos com carros em 2025, preços constantes, 2010=100



Fonte: Oxford Economics

Figura 3: Aumento no investimento em rodovias na Ásia emergente, 2025 x 2010

Aumento percentual em recursos investidos em rodovias, 2025 x 2010

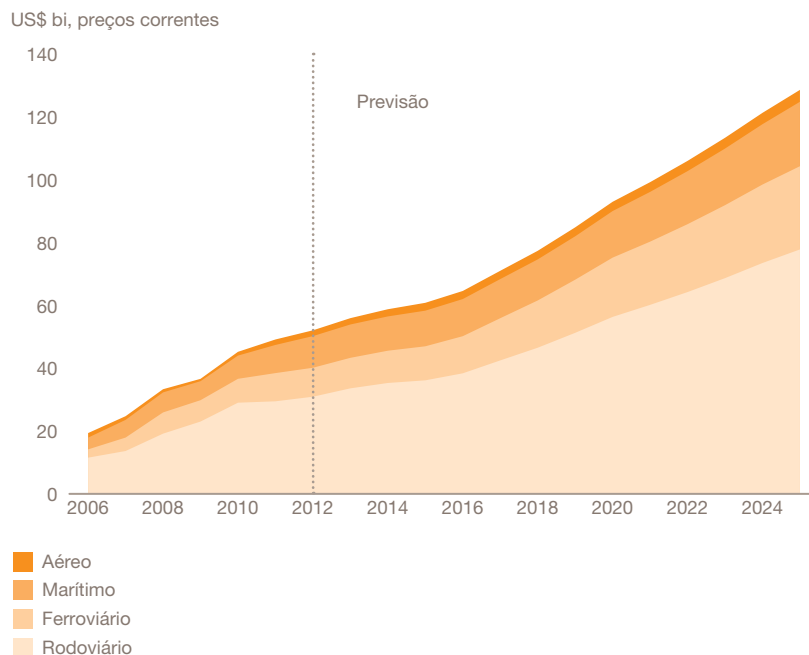


Fonte: Oxford Economics

Além disso, o aumento da prosperidade provavelmente elevará a demanda por viagens aéreas na América Latina, o que deve aumentar os gastos com aeroportos a uma taxa média anual de cerca de 6%, com o que eles atingirão US\$ 4 bilhões por ano em 2025. Os gastos com portos marítimos também devem crescer – a um ritmo médio anual projetado de cerca de 5% – como consequência tanto do aumento da demanda do consumidor por importações quanto da alta nas exportações de *commodities* (ver Figura 4).

Como outras economias de alto crescimento, os países do Oriente Médio provavelmente registrarão uma elevação contínua na aquisição de carros e, conseqüentemente, de gastos com rodovias, que devem se aproximar de US\$ 30 bilhões em 2025. Os padrões de gastos ferroviários, por sua vez, devem ser desiguais, com picos de gastos em projetos maiores, como o metrô de Riad, na Arábia Saudita, que custará mais de US\$ 22 bilhões e deve começar a operar em 2019. No momento em que o Qatar se prepara para sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2022, espera-se uma explosão de gastos com aeroportos ao longo de 2015, seguida de uma queda dos gastos na região e depois de um crescimento que acompanhará as tendências de longo prazo.

Figura 4: Aumento no gasto com infraestrutura de transporte na América Latina em 2025



Fonte: Oxford Economics

Na Europa Ocidental, no entanto, esperam-se outros dois anos de queda nos gastos com transporte. Isso significa que, entre 2008 e 2015, os gastos com transporte em dólares nominais deverão cair mais de 30%. Embora a prioridade para a maioria dos governos continue a ser reequilibrar as finanças públicas, uma recuperação gradual nos gastos com transporte é provável mais para o fim da década. No Reino Unido, por exemplo, prevê-se um aumento dos gastos, em especial para fazer atualizações nas conexões ferroviárias e para um novo *hub* aeroportuário no sudeste da Inglaterra.

As finanças governamentais estão em melhor forma no Canadá do que nos EUA, o que significará um crescimento mais rápido na infraestrutura rodoviária e ferroviária canadense. Em cerca de um ano, os gastos com transporte devem alcançar taxas de crescimento anuais de aproximadamente 5% no Canadá, mais próximas do período anterior à crise financeira. Nos EUA, em contrapartida, os gastos com rodovias e ferrovias devem crescer cerca de 3% ao ano apenas no longo prazo.

Na antiga União Soviética e na Europa Central e Oriental, os gastos com transporte variarão de país para país. No Azerbaijão, por exemplo, os gastos com aeroportos e com a construção de estradas cresceram substancialmente nos últimos anos, e os gastos com transporte devem mais do que dobrar para US\$ 7 bilhões em 2025.

A photograph of an industrial facility, likely a water treatment plant. The image shows a complex network of large, white, curved pipes and machinery. In the foreground, there are large white pipes and a red metal structure. In the background, there are more pipes, a blue staircase, and a large blue cylindrical tank. The overall scene is industrial and technical.

Serviços públicos

Gastos com infraestrutura de serviços públicos devem crescer globalmente



Serviços públicos

- Geração de energia
- Transmissão e distribuição de eletricidade
- Gás
- Água
- Telecomunicações

Os gastos com infraestrutura de serviços públicos devem ser consideráveis em países que precisam atualizar serviços deficientes de energia, água e saneamento e em economias que estão se urbanizando rapidamente, como China, Índia, Filipinas, Indonésia, Gana e Nigéria.

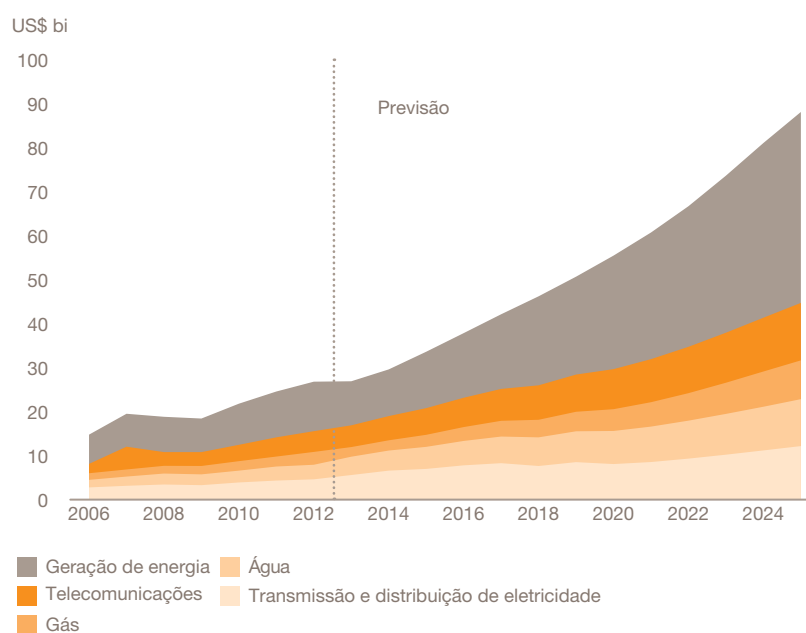
Mas mesmo nas nações desenvolvidas da Europa, os gastos com serviços públicos provavelmente serão maiores ao longo da próxima década porque eles dependem menos do financiamento governamental e são menos afetados por medidas de austeridade da região.

Além disso, alguns países europeus provavelmente precisarão substituir suas usinas de energia nuclear. Apesar da menor demanda de energia da indústria pesada, espera-se um investimento substancial em geração de energia na França, pois será necessário aumentar a capacidade para substituir cerca de 20 antigos reatores nucleares programados para serem desativados até 2025. O gasto anual com geração de energia deve praticamente dobrar para US\$ 19 bilhões em 2025.

A maior taxa de crescimento nos gastos com serviços públicos está prevista para a África Subsaariana – ela deve alcançar um índice anual de 10,4% até 2025 (ver Figura 1). Os gastos com produção e distribuição de eletricidade devem aumentar de US\$ 15 bilhões, em 2012, para US\$ 55 bilhões em 2025, enquanto os gastos com melhorias nos serviços de abastecimento de água e saneamento devem aumentar de US\$ 3,3 bilhões, em 2012, para US\$ 10 bilhões em 2025. A África do Sul, que tem uma classificação muito pior do que outros países subsaarianos em relação à qualidade do abastecimento de energia, provavelmente tornará a geração energética uma alta prioridade.

Sem dúvida, a África melhorou significativamente o acesso aos serviços de água e saneamento nas últimas décadas, mas é preciso avançar mais. Na Etiópia, por exemplo, a proporção de residentes urbanos com acesso a uma fonte de água tratada cresceu de 79%, em 1990, para 97% em 2010; nas áreas rurais, foi de 5% para 34%. Isso exigiu um investimento substancial no setor, estimado, em média, em US\$ 400 milhões por ano ao longo da última década. No entanto, com apenas 44% de todos os etíopes com acesso a uma fonte de água tratada no momento, é muito importante manter os investimentos.

Figura 1: Rápido crescimento do investimento em serviços públicos na África Subsaariana em 2025



Fonte: Oxford Economics

Na Ásia, a urbanização provavelmente representará um poderoso impulso nos gastos com serviços públicos, que devem aumentar a uma taxa anual média de 9,5% de hoje até 2025. A urbanização na China, por exemplo, está ocorrendo a um ritmo sem precedentes, de acordo com o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. A urbanização, que demorou 150 anos para ocorrer na Europa e 210 anos na América Latina, aconteceu em apenas 60 anos na China. Na verdade, 70% da população total chinesa – mais de 1 bilhão de pessoas – deverá estar vivendo em cidades até 2030.⁴ E a previsão é de que a Índia amplie em 500 milhões de pessoas a sua população urbana ao longo das próximas quatro décadas.⁵

As cidades consomem mais energia do que áreas menos desenvolvidas. Por exemplo, 13 das maiores cidades da Índia abrigam 7,5% da população do país, mas usam 12% da eletricidade.⁶ Os gastos com energia limpa também estão crescendo na Índia, e os serviços públicos do país estão explorando mais investimentos em redes de altas capacidades e *smart grids*.

Além disso, o desenvolvimento contínuo do setor de serviços tecnológicos da Índia e a maior demanda do consumidor provavelmente incentivarão mais investimentos em infraestrutura de telecomunicações. Com isso, os gastos devem passar de US\$ 27 bilhões, em 2013, para US\$ 130 bilhões em 2025.

É provável que os gastos com telecomunicações aumentem rapidamente em outros países também. Nos Estados Unidos, onde a indústria de tecnologia continua a prosperar, prevê-se que dobrem para US\$ 160 bilhões em 2025.

Os gastos com telecomunicações também devem continuar a contribuir com uma porção considerável dos investimentos em infraestrutura da Coreia do Sul. A proporção dos lares sul-coreanos conectada à Internet é maior do que em qualquer outro país, mas apenas uma fatia menor desses usuários é capaz de acessar redes de banda larga em comparação a muitas outras economias avançadas, o que abre espaço para mais investimentos. Com base em estimativas de demanda e produção do setor, os gastos com infraestrutura em telecomunicações devem crescer 5% ao ano entre hoje e 2025, quando provavelmente alcançarão US\$ 43 bilhões.

O aumento de gastos já é uma realidade em alguns países. Por exemplo, os gastos estimados com abastecimento de água e saneamento na Rússia triplicaram de US\$ 3 bilhões, em 2005, para mais de US\$ 9 bilhões em 2013. Mas eles permaneceram estagnados em outros países, como a Ucrânia, onde

o investimento em infraestrutura de água continua no mesmo patamar de 2004. Os gastos futuros dependerão, em grande parte, do financiamento do governo e do crescimento econômico. Na Ucrânia, por exemplo, a previsão é de que os gastos com serviços públicos fiquem abaixo de 1,3% do PIB em 2025, em comparação com 2% na Polônia e 1,6% na Rússia, economias com menos restrições fiscais.

Melhorar o abastecimento de água e energia será uma prioridade para as economias do Oriente Médio. Os gastos com geração de energia devem quase dobrar para US\$ 33 bilhões ao ano em 2025, com a previsão de uma taxa de crescimento comparável para abastecimento de água e distribuição de energia. A maioria das nações com renda elevada na região já desfrutam de uma oferta de serviços públicos de alta qualidade, mas um crescimento substancial da demanda é provável por causa do rápido crescimento populacional, além do desejo de ampliar a configuração do setor para fornecer mais empregos para os habitantes.

Na antiga União Soviética e na Europa Central e Oriental, muitos países ainda precisam melhorar a confiabilidade e a qualidade dos serviços de energia, água e saneamento. Eles experimentaram décadas de baixo investimento durante o fim dos regimes comunistas, marcados por forte austeridade fiscal, e também durante a difícil transição para a economia de mercado, que, em alguns casos, ainda está em andamento.

⁴ Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional da China 2013, 2013.

⁵ Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, Divisão de População, World Urbanization Prospects, 2012.

⁶ Central Electricity Authority, Relatório preliminar de "18th Electric Power Survey (EPS) of India (Volume-II)", 2013.

Contatos globais e regionais

Richard Abadie

Líder global
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +44 (0) 20 7213 3225
richard.abadie@uk.pwc.com

Neil Broadhead

EMEA
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Mark Rathbone

Ásia-Pacífico
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +65 6236 4190
mark.rathbone@sg.pwc.com

Peter Raymond

América do Norte e do Sul
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +1 703 918 1580
peter.d.raymond@us.pwc.com

Contatos nos países

Alemanha

Hansjörg Arnold
Tel: +49 69 9585 5611
hansjoerg.arnold@dw.pwc.com

Argentina

Maximiliano Galli
Tel: +54 11 4850 6813
maximiliano.galli@ar.pwc.com

Austrália

Darren Smith
Tel: +61 (8) 9238 3240
darren.smith@au.pwc.com

Mario D'Elia

Tel: +61 (3) 8603 6799
mario.delia@au.pwc.com

Azerbaijão

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Bahrein

Stephen Anderson
Tel: +974 4419 2850
stephen.x.anderson@qa.pwc.com

Brasil

Carlos Biedermann
Tel: +55 51 3378 1708
carlos.biedermann@br.pwc.com

Canadá

Michel Grillot
Tel: +1 (403) 509 7565
michel.grillot@ca.pwc.com

Johanne Mullen

Tel: +1 (514) 205 5080
johanne.mullen@ca.pwc.com

Chile

Peter Raymond
Tel: +1 703 918 1580
peter.d.raymond@us.pwc.com

China

Gabriel Wong
Tel: +86 (21) 2323 2609
gabriel.wong@cn.pwc.com

Colômbia

Peter Raymond
Tel: +1 703 918 1580
peter.d.raymond@us.pwc.com

Etiópia

Jonathan Cawood
Tel: +27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

França

Benjamin Ribault
Tel: +33 (0) 1 56 57 60 02
benjamin.ribault@fr.pwc.com

Christian Rasoamanana

Tel: +33 56 57 67 03
christian.rasoamanana@fr.pwc.com

República Tcheca

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Contatos da publicação *Gastos com infraestrutura e grandes projetos: Tendências para 2025*

África do Sul

Jonathan Cawood
Tel: + 27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

Arábia Saudita

Jonathan Barnes
Tel: +966 2 610 4400
jonathan.barnes@sa.pwc.com

Cazaquistão

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Cingapura

Mark Rathbone
Tel: +65 6236 4190
mark.rathbone@sg.pwc.com

Coreia do Sul

Tae-Ho Lee
Tel: +82 (0) 2 709 0718
tae-ho.lee@kr.pwc.com

Emirados Árabes Unidos

Stephen Anderson
Tel: +974 4419 2850
stephen.x.anderson@qa.pwc.com

Espanha

Patricio de Antonio Lorenzo
Tel: +34 915 684 360
patricio.de_antonio@es.pwc.com

Estados Unidos

Peter Raymond
Tel: +1 703 918 1580
peter.d.raymond@us.pwc.com

Filipinas

Rose Javier
Tel: +63 (2) 845 2728
rose.javier@ph.pwc.com

Gana

Jonathan Cawood
Tel: + 27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

Holanda

Martin Blokland
Tel: +31 (0) 88 792 75 86
martin.blokland@nl.pwc.com

Hungria

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Índia

Manish Agarwal
Tel: +91 996 757 4800
manish.b.agarwal@in.pwc.com

Indonésia

Rizal Satar
Tel: +62 21 5289 0350
rizal.satar@id.pwc.com

Itália

Guido Sirolli
Tel: 390 6 5708 32125
guido.g.sirolli@it.pwc.com

Japão

Yumiko Noda
Tel: +81 80 4116 7642
yumiko.y.noda@jp.pwc.com

Kuwait

Stephen Anderson
Tel: +974 4419 2850
stephen.x.anderson@qa.pwc.com

Malásia

Andrew Chan
Tel: +60 (3) 2173 1219
andrew.yh.chan@my.pwc.com

México

Francisco Ibanez
Tel: +52 55 5263 6085
francisco.ibanez@mx.pwc.com

Moçambique

Jonathan Cawood
Tel: +27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

Nova Zelândia

Mark Rathbone
Tel: +65 6236 4190
mark.rathbone@sg.pwc.com

Nigéria

Farouk Gumel
Tel: +234 (1) 271 1700
farouk.x.gumel@ng.pwc.com

Ian Aruofor

Tel: +234 (1) 271 1700
ian.aruofor@ng.pwc.com

Omã

Stephen Anderson
Tel: +974 4419 2850
stephen.x.anderson@qa.pwc.com

Peru

Peter Raymond
Tel: +1 703 918 1580
peter.d.raymond@us.pwc.com

Polônia

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Qatar

Stephen Anderson
Tel: +974 4419 2850
stephen.x.anderson@qa.pwc.com

Quênia

Jonathan Cawood
Tel: +27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

Reino Unido

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Romênia

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Rússia

Dmitry Kovalev
Tel: +7 495 223 5028
dmitry.kovalev@ru.pwc.com

Suécia

Lars Tvede-Jensen
Tel: +46 (0) 10 213 3403
lars.tvede-jensen@se.pwc.com

Tanzânia

Jonathan Cawood
Tel: +27 11 797 5236
jonathan.w.cawood@za.pwc.com

Tailândia

Andrew Chan
Tel: +60 (3) 2173 1219
andrew.yh.chan@my.pwc.com

Turquia

Husnu Dincsoy
Tel: +90 212 376 53 08
husnu.dincsoy@tr.pwc.com

Ucrânia

Neil Broadhead
Tel: +44 (0) 20 7804 4423
neil.broadhead@uk.pwc.com

Vietnã

Andrew Chan
Tel: +60 (3) 2173 1219
andrew.yh.chan@my.pwc.com

www.pwc.com/cpi-outlook2025

Para discutir este assunto de forma mais aprofundada, contate:

Richard Abadie

Líder global
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +44(0) 20 7213 3225

Neil Broadhead

EMEA
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +44 (0) 20 7804 4423

Mark Rathbone

Ásia-Pacífico
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +65 6236 4190

Peter Raymond

América do Norte e do Sul
Infraestrutura e grandes projetos
Tel: +1 703 918 1580

Nota metodológica: Ao desenvolver esta análise, a Oxford Economics usou conjuntos de dados para fornecer métricas consistentes, confiáveis e replicáveis de gastos com infraestrutura e grandes projetos em nível global e nacional. Os dados de gastos históricos se baseiam em fontes estatísticas de organizações governamentais e multinacionais. As projeções se baseiam em modelos econômicos próprios desenvolvidos pela Oxford Economics nos níveis nacional e setorial. A análise, concluída ao longo do segundo semestre de 2013 e do início de 2014, incorpora todas as informações disponíveis no momento. Para obter mais informações sobre a base metodológica dessas projeções, consulte a página 6 do documento Capital project and infrastructure spending: Outlook to 2025 research findings.



www.pwc.com.br



© 2015 PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda. Todos os direitos reservados. Neste documento, "PwC" refere-se à PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda., a qual é uma firma membro do network da PricewaterhouseCoopers, sendo que cada firma membro constitui-se em uma pessoa jurídica totalmente separada e independente.

O termo "PwC" refere-se à rede (network) de firmas membro da PricewaterhouseCoopers International Limited (PwCIL) ou, conforme o contexto determina, a cada uma das firmas membro participantes da rede da PwC. Cada firma membro da rede constitui uma pessoa jurídica separada e independente e que não atua como agente da PwCIL nem de qualquer outra firma membro. A PwCIL não presta serviços a clientes. A PwCIL não é responsável ou se obriga pelos atos ou omissões de qualquer de suas firmas membro, tampouco controla o julgamento profissional das referidas firmas ou pode obrigá-las de qualquer forma. Nenhuma firma membro é responsável pelos atos ou omissões de outra firma membro, nem controla o julgamento profissional de outra firma membro ou da PwCIL, nem pode obrigá-las de qualquer forma.